

Tributo ao major da Alemanha Otto von Westernhagen, aluno da ECEME assassinado em 1968

*João Paulo Diniz Guerra**

*Renato Rocha Drubsky de Campos***

Introdução

Desde o ano de 2017, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Escola Marechal Castello Branco, no dia 1º de julho, presta uma homenagem ao oficial de nação amiga, major do Exército Alemão Eduard Ernest Otto Thilo Maximilian von Westernhagen, aluno dessa escola em 1968 e brutalmente assassinado por um ato terrorista no dia 1º de julho daquele ano, quando realizava o Curso de Altos Estudos Militares.

É sabido que Brasil e Alemanha lutaram em lados opostos durante a Segunda Guerra Mundial. De um lado, os brasileiros, aliados aos Estados Unidos da América, Inglaterra e França, os quais defendiam ideais de liberdade e democracia nos campos de batalha europeus. Como oponentes, os militares alemães que foram para a guerra, liderados por um ditador e imperialista, sob a bandeira extremista do nazismo (MOTTA, 2001). Somente vinte e oito anos após o fim dessa guerra e treze anos após a fundação das

novas Forças Armadas da República Federal da Alemanha, livres do nazismo (GILBERT, 2014), que o major Otto veio ao Brasil para se tornar o primeiro oficial alemão a realizar um curso da ECEME. Sua missão era representar uma nova geração de militares alemães, comprometidos com a paz e com a contribuição para a cooperação internacional, além de estreitar os laços de amizade entre o Brasil e seu país (RAISER, 2019).

Por muitos anos as circunstâncias da morte do major Otto se cercaram de várias teorias, nas quais predominava a suposição dele ter sido morto por causa de ligações com o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial (JORNAL DO BRASIL, 11 Set 68). Tais acusações geraram muita dor e sofrimento para a viúva e família do major Otto, que alegam ter, inclusive, ouvido dele que não concordava com os motivos da guerra iniciada pela Alemanha. Adicionalmente, ele nunca havia apoiado o Partido Nazista, tendo sido obrigado a ir para a guerra, aos seus 19 anos de idade (WESTERNHAGEN, 2019). Caso tivesse se negado a servir nas Forças Armadas do

* Maj Inf (AMAN/02, EsAO/11). Mestre em Ciências Militares e aluno do 1º ano da ECEME.

** Maj Art (AMAN/04, EsAO/12). Atualmente é aluno do 1º ano da ECEME.



Foto 1 – Maj Eduard Otto von Westernhagen
Fonte: arquivo pessoal da família von Westernhagen

seu país, encontraria o fuzilamento por traição (GILBERT, 2014). Ao longo das investigações, a Embaixada Alemã no Brasil apresentou documentos e relatos que descartavam qualquer relação do major Otto com o Nazismo, como ficou registrado no depoimento do Sr. Hans Bayer, Secretário de Imprensa da Embaixada da Alemanha no Brasil ao Jornal do Brasil em 10 de julho de 1968:

São absolutamente seguras as informações divulgadas anteriormente pela Embaixada de que o militar assassinado não tinha vinculação partidária na Alemanha e não pertenceu a organizações nazistas. Esclareceu que essas informações foram fornecidas à Embaixada pelo Ministério do Exterior da Alemanha Ocidental, que as recebeu do Ministério da Defesa da Alemanha.

Logo, o caso viria a ser arquivado por falta de provas que comprovassem quem eram os autores daquela barbaridade e quais suas verdadeiras motivações. (JORNAL DO BRASIL, 11 Set 68)

Quase vinte anos após sua vida ter sido ceifada por um ato extremista, o mistério chegaria ao fim. Segundo Amílcar Baiardi, único sobrevivente que tomou conhecimento do assassinato em 1968 (BAIARDI, 2007), o major Otto não foi morto por ter participado da Segunda Guerra Mundial, mas por ter sido confundido com o capitão Gary Prado do Exército da Bolívia, o qual também realizava o Curso de Altos Estudos Militares. O capitão Prado se tornou alvo de um grupo terrorista do Brasil que desejava vingar a captura do líder revolucionário Ernesto “Che” Guevara, ocorrida um ano antes na Bolívia. (GORENDER, 1987)

A seguir, será apresentada a vida do major Otto e os detalhes dessa trágica história que ceifou a vida de um ex-integrante da ECEME, gerando profunda consternação entre seus alunos e instrutores, destacando-se o contexto histórico em que ocorreu o assassinato no Brasil, além da conjuntura no continente europeu, especificamente na República Federal da Alemanha, após a Segunda Guerra Mundial.

Carreira militar e a participação na Segunda Guerra Mundial

Eduard Otto von Westernhagen nasceu em Berlim, durante a República de Weimar, no dia 09 de outubro de 1924. Seu pai, o comerciante Eduard Ernst Otto Thilo von Westernhagen, foi major veterano da Primeira Guerra Mundial e nasceu em San Salvador, em 12 de julho de 1882 e faleceu em 1967. Sua mãe, Maria von Westernhagen, nasceu em Dudweiler, em 13 de março de 1892. A tradição militar da família do major

Otto foi representada também pelo seu avô, Eduard Ernst Thilo de Westernhagen (1829-1895), veterano da Guerra Franco-Prussiana e casado com Helene Mathilde Noble de Daniels. (MY HERITAGE, 2019)

Eduard cresceu em uma Europa reconfigurada pelo fim da grande guerra (1914–1918), principalmente nas cidades de Berlim, Eisenach, Bochum e Cologne (WESTERNHAGEN, 1955). Seu povo sofria as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes (1919), permitindo a ascensão do Nazismo em 1933, sob a liderança de Adolf Hitler (GILBERT, 2014). A Alemanha iniciou a Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939 e todo cidadão do sexo masculino foi convocado à guerra. Muitos que se recusaram foram mortos pelos pelotões de fuzilamento do III Reich (GILBERT, 2014). Apesar da sedução para que os jovens se alistassem na Waffen SS, tropa de elite do Partido Nazista, o jovem Eduard foi incorporado ao tradicional Exército da Alemanha, denominado de Wehrmacht, em julho de 1942, seguindo as tradições do seu pai e avô (WESTERNHAGEN, 2019). Ainda muito jovem, o cadete Eduard Otto von Westernhagen se destacou em sua turma militar tanto nas atividades militares quanto nas esportivas. Entretanto, sua juventude logo seria deixada para trás, pois a Segunda Guerra Mundial já estava em curso e seguia para seus momentos finais.

Ao se formar na Academia de Liderança em 1942, o 2º tenente Otto von Westernhagen foi enviado, inicialmente, para comandar um moderno pelotão de blindados na França e depois foi enviado a lutar na Frente Oriental, com as reduzidas forças remanescentes do 6º Exército após as derrotas alemãs em Stalingrado (WESTERNHAGEN, 1955). Já naquela época, o militar da

Wehrmacht era muito respeitado no meio militar como agressivo no ataque e destemido na defesa (BRASIL, 2001). Esse brilhante espírito combativo foi ofuscado pela derrota final e pelos crimes de guerra cometidos pelo Partido Nazista (GILBERT, 2014). O tenente Otto enfrentou a contraofensiva soviética, vindo a ser promovido ao posto de primeiro tenente por bravura em dezembro de 1943. Próximo ao final da guerra, o jovem oficial recebeu três ferimentos em combate e condecorado (WESTERNHAGEN, 1955). Diferente do que já foi noticiado por um jornal do Brasil de que Adolf Hitler, pessoalmente na França, teria entregue uma medalha ao, então, tenente Otto (FOLHA DE S. PAULO, 2 jul. 68), não há nenhum registro histórico que comprove tal situação, além de existir uma notória incoerência geográfica, pois o tenente Otto foi condecorado nos campos de batalha soviético (WESTERNHAGEN, 2019), onde Adolf Hitler não esteve presente. Além do que, Hitler esteve em Paris, França, em 1940, enquanto o tenente Otto entrou na guerra apenas no final de 1942. Da mesma maneira, o jornal afirmou naquela ocasião que o major Otto teria sido ferido na defesa de Berlim (FOLHA DE S. PAULO, 2 jul. 68), entretanto o próprio major Otto afirmou que seus três ferimentos na guerra foram nos combates contra o exército russo na União Soviética. (WESTERNHAGEN, 1955)

Em 1945, a ofensiva soviética e dos demais países aliados estava em Berlim. Chegava ao fim um trágico desfecho da história mundial, na qual mais de 47 milhões de pessoas de ambos os lados foram mortas. Além dos combatentes mortos, milhões de inocentes morreram nos campos de concentração dos alemães, manchando a história mundial no episódio conhecido como

“holocausto” (GILBERT, 2014). Não há dúvidas de que qualquer militar que tenha participado das forças militares alemães na 2ª GM carregará para sempre o estigma do nazismo e das barbaridades do holocausto (GILBERT, 2014), por isso esta pesquisa não buscou o julgamento para algo que não há defesa.

A presente análise se encontra nas condutas do tenente Otto como combatente, fruto de sua liderança militar e firmeza de propósitos, lutando por aquilo que é comum aos soldados no campo de batalha: lutar pela vida de seus companheiros, de sua família e em lealdade à sua pátria (WESTERNHAGEN, 2019). Nada consta sobre a atuação do tenente Otto que o relacione com o holocausto ou ações bélicas contra civis (ALEMANHA, 2019). O tenente Otto teve que se adaptar à situação mesmo com a escassez de recursos, de alimentos, de equipamentos e motivando os soldados alemães sob o sabor amargo das derrotas ao final da guerra.

Após a incondicional rendição da Alemanha, o jovem tenente Otto, comandante de tropas blindadas, nos seus 20 anos de idade entregava suas armas, sem ter cometido nenhum crime de guerra, nem se envolvido com atos do partido nazista. Apenas havia cumprido com seu dever de soldado (WESTERNHAGEN, 2019). Tal sentimento só pode ser compreendido em sua plenitude por aqueles que entendem o que é lealdade e juram defender a pátria com o sacrifício da própria vida ou por quem estuda a história e a natureza humana. Ao fim da guerra, o Tribunal de Nuremberg condenou a morte os principais responsáveis pelo holocausto. Muitos outros alemães que tiveram papel de responsabilidade nos crimes de guerra conseguiram escapar, mas foram perseguidos e mortos ao longo dos anos seguintes. (GILBERT, 2014)

Como disse Benjamin Franklin, “nunca houve uma guerra boa nem uma paz ruim”. Os horrores da Segunda Guerra Mundial mancharam de sangue a história da humanidade. Costuma-se julgar apenas a parte derrotada, mas as vítimas e algozes estão em ambos os lados, seja nos campos de concentração alemães ou soviéticos; nos bombardeios à Londres (Inglaterra) ou à Dresden (Alemanha); seja no holocausto ou nas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Em comum a esses eventos da guerra, estavam milhares de civis inocentes. Por isso, na canção do Exército Brasileiro, letra de Alberto Augusto Martins, se canta “a paz queremos com fervor; a guerra só nos causa dor”.

Após ser capturado pelo Exército Americano (WESTERNHAGEN, 1955), o tenente Otto foi enviado a um campo de concentração soviético por ter seu uniforme confundido com o de militares da Waffen SS, pois o uniforme das tropas blindadas alemãs eram na cor cinza (demais tropas da Wehrmacht usavam uniformes de cor preta) e com caveiras nas dragonas. Os soldados da Tropa de Elite Nazista, Waffen SS, ligados à perseguição ideológica e racista, também utilizavam uniformes muito semelhantes a estes. (GILBERT, 2014)

Após ser libertado, ainda em 1945, o tenente Otto não só havia perdido a guerra, muitos amigos e familiares, mas também seu emprego devido à extinção do Exército da Alemanha pelas forças vitoriosas. Nunca foi julgado por crimes de guerra, nem precisou se esconder de grupos de extermínio de nazistas. De acordo com o registro encontrado no Arquivo Histórico do Exército da Alemanha, o major Otto relatou, em 1955, suas principais atividades no pós-guerra. Foi trabalhar no interior da República Federal da Alemanha, entre 1946 e 1952, como gerente de uma fazenda, em outras

empresas agrícolas e até em uma cervejaria rural. Também morou por um curto período de tempo no interior da França. Encontrou na América do Sul uma oportunidade, indo morar por 3 anos em uma colônia alemã na Argentina, onde trabalhou como comerciante e aprendeu a falar espanhol. Em 1955, retornou a Berlim para cuidar da saúde do seu pai e dos negócios da família, com pouco sucesso. (WESTERNHAGEN, 1955)

Apenas no final de 1955, a República Federal da Alemanha reativou suas forças militares, chamadas agora de Bundeswehr, ou Forças de Defesa Alemã (GILBERT, 2014) e o tenente Otto von Westernhagen se candidatou a ser reintegrado no posto de capitão, pois o mesmo costumava dizer *“a profissão de soldado é mais satisfatória para mim do que ser um homem de negócios”*. (WESTERNHAGEN, 1955)

A Alemanha passou por um intenso e rigoroso processo de “desnazificação”. A reintegração de militares que combateram na Segunda Guerra Mundial ocorreu após investigações internas sobre cada um dos oficiais cogitados para o novo exército, tanto sobre suas ações na guerra quanto suas tendências ideológicas no pós-guerra (GUMBRECHT, 2014). Em geral, os militares da Wehrmacht foram julgados como não tendo um passado associado ao nazismo, como os soldados das SS, agentes da Gestapo, culpados de atrocidades ou perpetradores do holocausto, criminosos de guerra ou nazistas convictos (GUMBRECHT, 2014). O capitão Otto comprovou seu passado ilibado e por isso foi readmitido nas Forças Armadas Alemãs (ALEMANHA, 2019). Suas medalhas e atos de bravura praticados durante a guerra foram reconhecidos, motivo pelo qual foi designado instrutor da Academia de Liderança Militar em Berlim, onde ensinou aos soldados valores democráticos. Esse conceito é chamado

na Alemanha de “Innere Führung” (ALEMANHA, 2019). Assim, ele se tornou um bom exemplo desse capítulo muito difícil da história alemã, como um grande líder da nova geração militar alemã. Por ter testemunhado a guerra, o capitão Otto passou esses ensinamentos para a nova geração de militares para que os mesmos erros não fossem cometidos novamente.

Em 1966, já como major, recebeu o comando de um Batalhão Blindado em sua cidade natal, Berlim. Nessa função e como reconhecimento por seu desempenho profissional, no ano de 1968, foi designado para participar de um intercâmbio de estudos militares no Brasil, a convite do Exército Brasileiro (ALEMANHA, 2019). Foi matriculado na ECEME, sendo o primeiro oficial da Alemanha a realizar este curso.

A vinda ao Brasil para realizar curso na ECEME e sua morte

Além do aperfeiçoamento, o major Otto também tinha a missão de apresentar ao mundo o valor do novo Exército da Alemanha, tentando desfazer a imagem negativa deixada na Segunda Guerra Mundial pelos crimes de guerra cometidos contra a humanidade (DW BRASIL, 2019). O Brasil também buscava mostrar ao mundo que a ordem nacional, após os momentos turbulentos de 1964, havia sido reconquistada (MOTA, 2003). No ano de 1966, uma emissora alemã transmitiu, em rede nacional, uma reportagem especial sobre o Brasil, mostrando um país maduro, comprometido com a segurança, com a paz e com o progresso. Nessa reportagem, o Presidente da República e patrono da ECEME, o Marechal Castello Branco, dava entrevista com palavras de confiança e determinação que muito

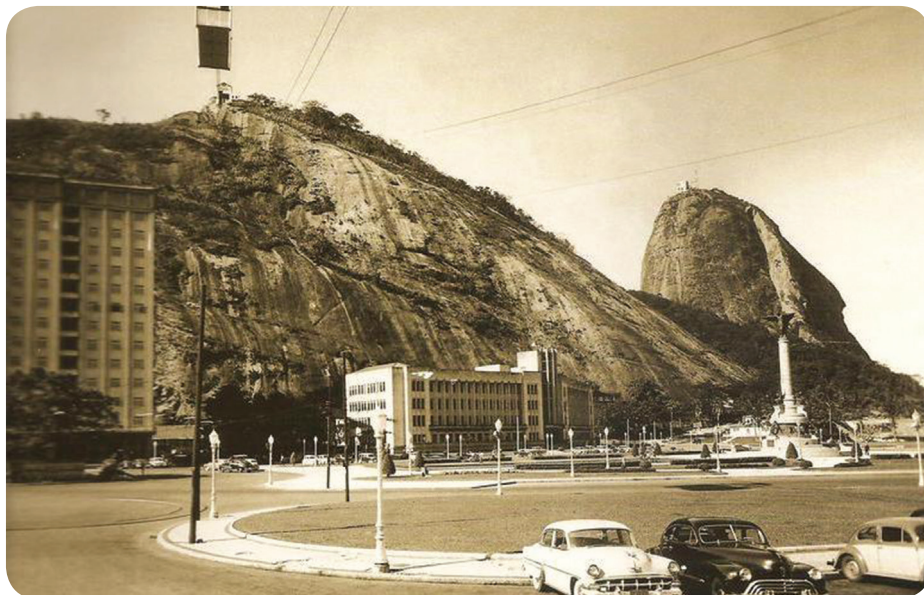


Foto 2 – ECME em 1968

Fonte: Biblioteca 31 de Março, da ECME

impressionaram as autoridades, o povo alemão e, certamente, o próprio major Otto (MOTA, 2003). Dessa forma, veio para a cidade do Rio de Janeiro com a esposa, a senhora Gisela von Westernhagen, e com suas duas filhas, Caroline, de oito anos e Catherine, cinco. As expectativas eram grandes, pois o Brasil era considerado um paraíso tropical e vivia momentos de normalidade após a revolução de 1964 (WESTERNHAGEN, 2019). Naquela época, o curso de Comando e Estado-Maior era realizado em três anos. (PERES, 2005)

O major Otto seguia frequentando as aulas e se dedicando aos estudos com desenvoltura. Segundo o general de exército Luís Gonzaga Lessa, seu companheiro de turma em 1968, o major alemão era um militar reservado, discreto, muito profissional e dedicado. Enquanto isso, a família von Westernhagen desfrutava da estadia no Rio de Janeiro. Inicialmente, alugaram um

apartamento no bairro da Gávea e, posteriormente, no bairro Jardim Botânico, no 1º andar de um prédio da rua Araucária, número 66 (O GLOBO, 2 jul 1968). O major Otto e sua família moravam no mesmo prédio do major brasileiro Harry Alberto Schnarndorf, o qual foi aluno da Escola de Estado-Maior da Alemanha em 1965 e 1966 e era instrutor da ECME em 1968 (MOTTA, 2003). O idioma português era uma barreira para a família von Westernhagen e como a família Schnarndorf falava alemão, ali encontraram um apoio na difícil adaptação cultural em terras *brasilis*. (WESTERNHAGEN, 2019)

Entretanto, ao longo do ano de 1968, o mundo enfrentou profundas transformações no contexto da Guerra Fria. Na Ásia, a Guerra do Vietnã prosseguia com a primeira batalha em Saigon e com a matança de civis em My Lai por tropas norte-americanas, provocando protestos da população dos Estados Unidos da América (EUA)

contra a guerra, juntamente com as revoltas raciais pelo assassinato de Martin Luther King. Na Europa, a Primavera de Praga (República Tcheca) e as revoltas de maio de 1968 na França agitavam não só o continente, mas também reverberavam na América, onde os sonhos revolucionários cubanos eram difundidos por todo o continente por meio do “Foquismo” (RUFIN, 1996). De acordo com as ideias de Régis Debray, o foquismo era uma teoria centrada na experiência cubana que preconizava o aparecimento de pequenos grupos, de focos, de “heróis comunistas” que, desencadeando a “violência revolucionária”, fariam com que as massas os seguissem e apoiassem a revolução. (GORENDER, 1987)

No Brasil, o Marechal Castello Branco havia passado a presidência da República para o Marechal Costa e Silva em 1967. A situação passou a ficar mais tensa, a partir de maio de 1968, quando os movimentos estudantis passaram a realizar passeatas e manifestações públicas contra o Governo Militar, como na “Marcha dos Cem Mil” no Rio de Janeiro (MOTTA, 2003). Após a morte do estudante Edson Luís, universitários foram presos no Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) (MOTTA, 2003). Desde 1961, jovens brasileiros, seduzidos pela ideologia de esquerda, entraram para organizações que professavam a ideologia comunista e foram enviados para Cuba e para a União Soviética, onde foram treinados em táticas de guerrilha e em ações terroristas urbanas (GORENDER, 1987). Cinco dias antes da morte do major Otto, membros da Vanguarda Popular Revolucionária, os quais queriam implantar no Brasil uma ditadura comunista (GORENDER, 1987), lançaram um carro-bomba contra o Quartel-General do II Exército, em São Paulo, matando o soldado

Mário Kozel Filho (FOLHA DE S. PAULO, 27 jun. 1968). O capitão norte-americano Charles Rodney Chandler foi morto em outubro daquele ano pelo mesmo grupo terrorista (JORNAL DO BRASIL, 13 out. 1968) e, posteriormente, apenas em dezembro, foi assinado o Ato Institucional Nr 5, aumentando as ações repressivas do governo como reação aos ataques dos grupos terroristas no Brasil (MOTTA, 2003).

Ao final das instruções do dia 1º de julho de 1968, após almoçar na ECEME, o major Otto von Westernhagen trocou de uniforme, conforme sua rotina diária. Saiu da Escola, em trajes civis, caminhando pela rua Pasteur até embarcar em um ônibus com destino ao bairro Jardim Botânico, onde sua família o aguardava (WESTERNHAGEN, 2019). Desembarcou e seguiu, a pé, pela rua Araucária, onde ficava seu apartamento. Naquele momento, seus assassinos que o seguiam desde o bairro da Urca se aproximaram. Sem dar chances ao major Otto se defender, dois assassinos anônimos tiraram a sua vida com dez tiros de arma curta à queima roupa (GORENDER, 1987). Testemunhas afirmaram que os dois homens, após atirarem no major Otto, pegaram sua pasta e saíram correndo até um terceiro comparsa que aguardava com o carro da fuga. O dinheiro e o relógio do major Otto não foram roubados (JORNAL DO BRASIL, 9 jul. 1968). A apenas dez metros daquele local, ficava a sua casa. O que se sucedeu, é possível imaginar e hoje são apenas memórias de sofrimento e desespero de uma mãe e suas filhas em um país de língua estrangeira (WESTERNHAGEN, 2019). Inicialmente, a senhora Schnarndorf e depois integrantes do consulado alemão no Rio de Janeiro tentavam consolar a senhora von Westernhagen (O GLOBO, 2 jul. 1968).



Foto 3 – Reconstituição da morte do major Otto

Fonte: acervo do Jornal O Globo acessado em 02 de julho de 2018

O assassinato teve grande repercussão em todos os jornais do Brasil da época. As investigações da polícia levavam a crer que o crime tinha características de execução por vingança política (JORNAL DO BRASIL, 9 jul. 1968). Como o major Otto tinha lutado na Segunda Guerra Mundial, acreditavam que ele havia sido morto por grupos de extermínio anti-nazistas, ou ligado ao MOSSAD ou KGB, os serviços secretos israelense e soviético, respectivamente (JORNAL DO BRASIL, 10 jul. 1968). Poucos dias depois, outro alemão foi morto em Nova Iguaçu, durante um assalto, fortalecendo a versão da polícia (JORNAL DO BRASIL, 12 jul. 1968). O sogro e dois tios do major Otto também lutaram na 2ª GM, corroborando com a tese da polícia em relacionar o crime com as ações da Alemanha na guerra (JORNAL DO BRASIL, 12 jul. 1968). As investigações foram conduzidas naquela direção, negligenciando outras possibili-

dades, mesmo com a Embaixada Alemã no Brasil passando todas as informações que comprovavam o contrário (JORNAL DO BRASIL, 11 set. 1968). As autoridades alemãs afirmavam que o major Otto era considerado pelo povo alemão um herói de guerra e que nunca tinha se envolvido em ações do partido nazista ou com crimes de guerra. A sua esposa, mesmo já na Alemanha, e os serviços de inteligência do Exército sustentavam a versão de que o major Otto tinha sido morto por engano, sendo que nenhum grupo assumiu o seu assassinato. Ao final do ano de 1968, a polícia deu o caso por encerrado (JORNAL DO BRASIL, 11 set. 1968). Os jornais existentes no Arquivo Histórico Nacional mostram que após o ano de 1968, o caso foi esquecido pela população, conforme consta na publicação do Jornal do Brasil de 11 Set 68:

Documentos alemães tiram esperança da polícia achar os assassinos de Westernhagen. A polícia

chegou à conclusão de que quase nada mais poderá ser feito para a elucidação do crime.

De acordo com relatos do general Lessa, em 2019, o próprio capitão Gary Prado desconfiou que ele poderia ter sido o alvo do grupo terrorista, tanto que após a morte do major Otto, o governo da Bolívia enviou uma escolta armada que passou a acompanhar o oficial boliviano em todas atividades externas da Escola, ao longo dos três anos de curso.

A revelação da verdade

A verdade apenas foi totalmente esclarecida 19 anos após a morte do major Otto, no livro “Combate nas Trevas” de Jacob Gorender, Editora Ática, 1987. Pela primeira vez, constava em um registro que terroristas do Comando de Libertação Nacional (COLINA), ainda com pouca visibilidade, decidiram vingar a morte do líder guerrilheiro “Che” Guevara, morto um ano antes na Bolívia, por tropas comandadas pelo capitão boliviano Gary Prado. Ele gozava de fama e prestígio justamente por ter comandado a captura de “Che” e a notícia de sua presença foi amplamente publicada na imprensa do Rio de Janeiro, atraindo a atenção de grupos comunistas, sedentos pela vingança da morte do líder guerrilheiro argentino-cubano (“*Prendedor de Che assiste à 1ª aula de seu curso e só fala de sua vida particular*”, *Jornal do Brasil*, de 3 Fev 1968).

Segundo relatos do agora general Prado em uma reportagem de jornal boliviano (PRADO, 2014), no dia 1º julho de 1968, ele teria saído da ECEME com o major Otto, companheiro de curso, com quem pegou o mesmo ônibus, com destino à região do bairro Copacabana, onde morava, passando pelo Jardim Botânico. Entre-

Prendedor de “Che” assiste à 1.ª aula de seu curso e só fala de sua vida particular

O Capitão boliviano Gary Prado, autor da prisão do líder revolucionário Che Guevara, assistiu ontem à primeira aula do curso que faz na Escola de Estado-Maior do Exército, na Praia Vermelha, e se recusou a prestar informações sobre problemas militares e políticos de seu país, por estar proibido, aceitando apenas responder a um questionário abordando aspectos de sua vida particular.

O Capitão Gary Prado está no Rio de Janeiro há duas semanas, acompanhado da família, gastando as horas de folga com a leitura e a filatelia, quando não está na praia ou conhecendo os arredores da Cidade. Disse não se arrepender de nenhum dos seus atos anteriores por terem sido praticados “com espírito cristão e consciência democrática”.

SEM ACESSO

O Comando da Escola de Estado-Maior do Exército não permitiu que a imprensa tivesse contato com o Capitão Gary Prado, argumentando que ele ali estaria como um simples aluno e que qualquer assunto relacionado com entrevistas deveria ser tratado diretamente com a Embaixada.

O Comandante da Escola, General Reinoldo Melo de Almeida, recebeu a imprensa em seu gabinete escutando-se por não poder atender aos pedidos dos repórteres e intrusos que o via para se conseguir contato com o Capitão Gary Prado era procurar o Gabinete do Ministro do Exército.

O SIGILO

A Embaixada na Bolívia também se recusou a prestar informações sobre o oficial boliviano, mas o Adido Militar, Coronel Félix Montero, admitiu alguns detalhes sobre o Capitão Gary Prado, dizendo que ele era da Arma de Cavalaria e que fora mandado para o Brasil como preso por ter chegado com sucesso às tropas governamentais que aprisionaram Ernesto Che Guevara.

Fêz-se de desentendido quando perguntado sobre o endereço do Capitão Gary Prado e acabou por admitir que a Embaixada e as autoridades brasileiras têm de zelar pela segurança dele. Depois de muita insistência conseguiu em fazer chegar às suas mãos um questionário sobre assuntos variados, exceto aqueles ligados à prisão do ex-líder revolucionário e sobre a política boliviana. Argumentou que o Capitão Gary Prado é um militar e que como tal está sujeito aos regulamentos e só pode fazer certas declarações quando autorizado pelos seus oficiais superiores.

— Aqui no Brasil — disse — é a mesma coisa. Sómente com autorização dos Ministros e que os oficiais podem prestar certas informações, caso contrário eles sofrem penas disciplinares. No caso do meu colega acontece o mesmo e o assunto que os senhores querem tratar com ele é muito sério e importante para a segurança de toda a América Latina.

O questionário foi enviado pela Embaixada à Escola de Estado-Maior do Exército e foi marcado para as 16 horas da entrega das respostas. Ninguém viu o Capitão Gary Prado que saiu disfarçado diretamente para sua residência, de onde enviou para o Adido Militar um envelope contendo as respostas.

O Coronel Félix Montero recebeu o envelope em casa e depois de um esmielamento com a ECEME dirigiu-se para a Embaixada às 16 horas, mesmo com o expediente já encerrado.

QUEM E QUEM

O Capitão Gary Prado tem 29 anos, é casado e tem dois filhos. Tem dois irmãos e uma irmã e desde pequeno que escolheu a carreira das armas.

Curso e a Academia Militar da Bolívia e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Bolívia. Tem ainda o Curso de Tática na Zona do Canal do Panamá e o de Rangers bolivianos. Conhece a Argentina, o Peru, Equador, Panamá, Inglaterra, França e Itália e acha que vir para o Brasil foi mesmo um prêmio.

Seu tipo físico difere totalmente do comum dos bolivianos. É bem alto, rosto fino, olhos claros, usa óculos e cabelos quase loiros. Aparece ser muito tranquilo e nas horas de folga, preferiu ler ou cuidar dos seus, seu único hobby. É católico e o seu sonho é de tornar-se oficial de Estado-Maior. Prefere viver nas localidades menores porque gosta de tranquilidade — segundo suas respostas ao questionário.

Não se considera um homem realizado, porque “ainda está começando na carreira e muito pouco o que realizou pela frente, mas se pudesse determinar o seu futuro optaria pela paz e a tranquilidade, além da oportunidade de trabalhar por meu povo”.

— Se me fosse permitido viver outra vez o passado — disse — não modificaria meus atos anteriores, porque eles sempre estiveram de acordo com minha consciência cristã e democrática e minha formação profissional.

Finalizou por manifestar o desejo de, nas férias, conhecer o máximo que puder do Brasil, “pois que sempre me atrai”.

NO TEMPO DE “CHE”



Gary Prado, Capitão dos Rangers bolivianos, da selva à Praia Vermelha

Diocese de Campos acusa carmelitas

A Cúria da Diocese de Campos acaba de publicar, por ordem do Bispo local, Dom Antônio de Castro Mayer, edital assinado pelo Pro-Secretário do Bispo, Cônego Artur Salvador, em que os carmelitas de Belo Horizonte, que desaconselharam de féia de sua paróquia a comprar o jornal *Catolismo* de Dom Antônio, são acusados de terem cometido “grave injúria” contra aquele Bispo.

O fato, em Belo Horizonte, deu-se num domingo em que os rapazes da Sociedade Tradição, Família e Propriedade postaram-se à porta da Igreja dos carmelitas e foram repellidos por estes ao fazerem propaganda de sua sociedade e venderem o jornalinho, que é propriedade da TFP.

Foto 4 – Capitão Gary Prado da Bolívia
Fonte: Jornal do Brasil, de 03 de fevereiro de 1968

tanto, o major Otto desceu do ônibus poucas paradas antes que a do capitão Prado, confundindo seus assassinos, devido à semelhança física entre os dois oficiais estrangeiros. Os terroristas cometeram um erro histórico (BAIARDI, 2007).

Eles (os assassinos) voltaram com uma pasta. Quando abrimos, só tinha documentos em

alemão, um passaporte em alemão. Aí não se teve mais dúvida de que se tinha cometido um erro histórico. Nossa fonte de informação era um soldado infiltrado no Exército e havia uma coincidência enorme. Fisicamente, Gary e o alemão eram parecidos, magros, altos, mesma cor de pele, não usavam óculos. (BAIARDI, 2007)

O major alemão era morto no lugar do boliviano. Hoje se sabe que seus assassinos foram o ex-sargento da Aeronáutica João Lucas Alves e o ex-sargento da Polícia Severino Viana, ambos presos por outras ações terroristas, sem relação à morte do major Otto, e mortos ainda na prisão. O terceiro participante, José Roberto Monteiro, o qual aguardava os assassinos no carro da fuga, também foi preso no final de 1968 e morto em um acidente de carro, vinte anos após ser solto. (GORENDER, 1987)

Amílcar Baiardi, um professor baiano, em 2007, assumiu que foi ele quem revelou a referida história ao autor do livro Jacob Gorender. Era ele quem aguardava em um apartamento a chegada dos integrantes do COLINA com a confirmação da morte do boliviano para enviar uma nota à imprensa com a mensagem de vingança: *“menos de um ano depois da morte de Che Guevara, o movimento de esquerda brasileira executa o assassino desse herói da América Latina”*, mas foi a testemunha do grande erro quando abriram a pasta capturada e encontraram o passaporte do major da Alemanha. Ali, rasgaram a mensagem e selaram um pacto de silêncio. (BAIARDI, 2007)

Homenagens ao major Otto von Westernhagen

Logo após sua morte, o major Otto foi homenageado pelo comandante da ECEME em 1968, o general de brigada Reynaldo Melo de Almeida,

ao fazer publicar o elogio *post-mortem* no Boletim Escolar, Nr 128, de 10 de julho de 1968:

Ao consignar em Boletim, esta referência elogiosa ao major Eduard Otto do Exército da República Federal Alemã, externo a homenagem da ECEME à sua memória e o sentimento de estima que despertou entre instrutores e alunos desta Escola, durante sua breve passagem entre nós.

Vindo de terras distantes, trazia em si a mensagem de entendimento e confraternização entre irmãos de armas.

Simultaneamente ao desempenho de suas atividades de aluno, diariamente transmitia-nos, de forma solícita, reservada e atenciosa, seus conhecimentos sobre o mundo conturbado em que viveu nos postos de tenente e capitão do exército de seu país, em seus primeiros tempos de vida militar e em plena juventude.

Encontramos no major Eduard um irmão de armas que buscou sempre sua mensagem de compreensão e amizade fraternal, valiosa sobretudo pelas experiências de soldado e de cidadão, vividas durante a 2ª Grande Guerra.

Conheceu dias de domínio extremista em sua Pátria e, como prisioneiro de guerra, as agruras das prisões totalitárias da Rússia Soviética. Sublimou seus sofrimentos e transmitia-nos, sem esforço, sem hipocrisia, sem artifícios, o entusiasmo e admiração pelo respeito à liberdade de consciência, à fraternidade e à dignidade da pessoa humana.

Graças à sua tenacidade, vencia já, com êxito, as dificuldades impostas pela diversidade de idiomas, para estabelecer comunicação com seus companheiros e instrutores e, desde sua inclusão como aluno desta Escola, procurou integrar-se na turma que lhe foi designada, compartilhando de todas as emoções da vida escolar.

Revelando elevada disciplina intelectual, participou ativamente das discussões em sala de aula, sempre revelando grande interesse nos problemas e assuntos ministrados, mesmo que para isso

tivesse que recorrer, algumas vezes, ao dicionário de português que sempre portava consigo. Brutal e tragicamente, após as atividades do dia 1º de julho e quando regressava ao seu lar, mãos assassinas anônimas e movidas por motivos até agora desconhecidos, deixaram-no sem vida. A consternação geral, entre seus companheiros e amigos, traduziu a repulsa pelo covarde atentado e o sincero sentimento de pesar pelo seu afastamento do nosso convívio. A sua imagem simpática e digna, será sempre lembrada com respeito e admiração. Que repouse em paz a alma do major Eduard, bom amigo, companheiro e digno oficial desta Escola, são nossas preces a Deus. Assinou o General Reynaldo Mello de Almeida, Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 10 de julho de 1968.

Ao final do ano de 1968, a ECEME fez constatar o nome do major Otto von Westernhagen na placa de bronze em homenagem aos alunos estrangeiros formados naquele ano, localizada no 2º piso da Escola desta tradicional e centenária

escola. Assim como, a ECEME possui uma sala de aula que recebe o nome do major Otto, com uma placa de bronze em sua homenagem.

Tendo em vista o estigma do nazismo que sempre assombrou o povo alemão e às poucas informações à respeito do que havia motivado a morte do major Otto, a história caiu no esquecimento de muitos ao longo dos anos. Nem mesmo a família von Westernhagen tinha respostas para o que havia acontecido com seu ente querido. Tal assunto se tornou um tabu e uma ferida não cicatrizada na família, privando as filhas e netos do major Otto de conhecerem a verdade dos fatos (WESTERNHAGEN, 2019). Apenas em 2017, por iniciativa do General de Brigada Richard Fernandez Nunes, comandante da ECEME, a escola passou a prestar uma homenagem ao major Otto von Westernhagen no dia 1º de julho, com a presença de autoridades militares alemãs convidadas.



Foto 5 – Placas em homenagem ao Maj Otto
Fonte: O autor



Foto 6 – Palestra na ECEME em homenagem ao Maj Otto
Fonte: Seção de Comunicação Social da ECEME

No ano de 2019, as filhas do major Otto von Westernhagen, morando na Alemanha, foram contatadas pelos alunos encarregados da apresentação do tributo e puderam tomar conhecimento não apenas dos fatos que esclareciam a morte do seu pai, mas também sobre o apreço que o Exército Brasileiro, especialmente a ECEME, têm à respeito daquele oficial de nação amiga, morto enquanto aluno convidado. Até então, não sabiam das homenagens prestadas na Escola. No ano de 2019, por ocasião do tributo ao major Otto, o general de brigada Rodrigo Pereira Vergara, atual comandante da ECEME, disponibilizou um link na internet para que os familiares do major Otto pudessem acompanhar a homenagem, em tempo real, da Alemanha, sob uma abordagem histórica do brutal assassinato que o vitimou. A solenidade foi prestigiada pelos corpos docente e discente da ECEME, pelo General Vergara, Comandante da Escola, acompanhado do capitão de mar e guerra Ralf Gunther Schmitt-Raiser, adido de Defesa da Alemanha no Brasil. Ao final, foi realizado o toque de

silêncio em respeito ao major Otto e o adido da Alemanha transmitiu palavras, em alemão, aos familiares que acompanhavam a transmissão.

A viúva do major Otto, a Sra. Gisela von Westernhagen, suas filhas, Catherine e Caroline, e seus três netos, enviaram uma mensagem de agradecimento aos integrantes da ECEME, a qual foi lida para a plateia presente no auditório:

Prezados integrantes da ECEME,

Eu sou a filha mais nova do major Eduard Otto von Westerraguen e gostaria de repassar algumas informações sobre nossa família, como contribuição ao evento de homenagem ao meu pai. Em nome de minha mãe, Gisela von Westerraguen, e de minha irmã mais velha, Caroline, gostaria de, inicialmente, agradecer a todos vocês. Sentimo-nos honradas de meu pai estar sendo lembrado nessa solenidade, já passados mais de 50 anos. Esse fato nos conforta e nos ajuda a suportar a dor, que permanece até hoje. Após o assassinato de nosso pai, deixamos o Rio de Janeiro abruptamente para iniciarmos uma nova vida na Alemanha. Naquela ocasião, minha mãe tinha apenas 32 anos, minha irmã 8 e eu 5 anos de idade. Vocês podem imaginar o que significa para uma jovem mulher com duas filhas pequenas, subitamente perder seu marido. Na Alemanha, primeiro tivemos que lidar com a morte de nosso pai amado, ou seja, sobreviver à perda dolorosa.

Houve algumas teorias sobre o assassinato de nosso pai. Tal fato recrudescer nossa dor, já que esse assunto permaneceu para nós silencioso e reprimido.

Até ano passado, quando o Sr. Volker F. Martin, adido militar da Alemanha no Brasil, contatou minha irmã, não sabíamos que o ato terrorista tinha sido esclarecido e que os responsáveis haviam sido localizados.

Obrigada, pois nós encerramos agora esse capítulo, o que novamente mexeu com feridas antigas. No entanto, nos sentimos capazes de lidar com a morte de nosso pai juntas novamente. Muito obrigada!

Para nós, que sobrevivemos, é importante dizer-lhe adeus novamente.

Nossos pensamentos estão presentes nessa cerimônia.

[...] Em relação aos três netos do major Eduard Otto von Westerraguen, é muito triste o fato de eles nunca terem podido conhecer o seu avô.

Mas, obrigada pelo venerável evento. Eles terão oportunidade de conhecer parte de sua vida e, assim, nosso pai e avô será lembrado em nossos corações.

Meus cumprimentos.

Também em 2019, o Centro de Comunicação Social do Exército publicou uma matéria, em seu site (www.eb.mil.br) e em suas mídias sociais um tributo ao major Otto, pelo fato de ter sido assassinado por ato terrorista no Brasil quando era aluno da ECEME.

Conclusão

Assim sendo, a presente pesquisa atingiu o objetivo de homenagear a memória do major Otto

von Westernhagen, com uma justa homenagem ao primeiro oficial da Alemanha a frequentar um curso da ECEME, sobrevivente da Segunda Guerra Mundial e integrante de uma nova geração de militares da Alemanha comprometida com a liberdade e a democracia, cuja vida foi encurtada por um ato terrorista insano e covarde. Ao mesmo tempo, a pesquisa reverenciou todos os oficiais de nações amigas que abdicam do conforto de suas terras natais para virem ao Brasil e fortalecer os laços de amizade, de cooperação entre as nações e em busca do autoaperfeiçoamento. Desde sua criação, em 1905, a ECEME já formou mais de 750 oficiais de nações amigas. Depois do major Otto, outros 18 oficiais alemães já estudaram na ECEME, comprovando a confiança depositada na Escola e no Brasil. Muitos alunos estrangeiros vêm para o Rio de Janeiro com suas famílias e, juntos, passam a conhecer muito mais do que a doutrina militar brasileira, mas também aprendem a amar e admirar a



Foto 7 – Postagem do EB em homenagem ao Maj Otto
Fonte: Twitter @exercitooficial, dias 01 e 02 de julho de 2019

cultura e os costumes do nosso povo. Aqui no Brasil, fazem amizades que atravessam fronteiras e o próprio tempo. A paz de nossos países repousa nos laços de união entre nossos povos.

O nome do major Otto não permanece apenas gravado em placas de bronze, mas em nossos cultos à memória. A luta armada no Brasil foi um triste capítulo fratricida que vivenciamos, assim como vários episódios lamentáveis da Segunda Guerra Mundial, pois seja qual for a motivação ideológica, é reprovável em qualquer nação democrática. Suas vítimas deixaram órfãos que tiveram que conviver com feridas que nunca irão cicatrizar. Fica o ensinamento de que qualquer ato intolerante de tirar a vida de um inocente é nefasto, inaceitável e vil. Compete aos líderes políticos, através das Forças Armadas, impedirem que nossa sociedade banalize a vida humana, respeitando as diferenças, por meio da justiça e da tolerância.

No dia 19 jun. 2019, o site da Deutsche Welle (DW BRASIL), emissora internacional da Alemanha, publicou uma matéria intitulada “como a Alemanha vê seus soldados que lutaram na Segunda Guerra”. O historiador Johannes Hürter, do Instituto de História Contemporânea de Munique, explicou que em geral, não há uma condenação generalizada de todos os soldados da Wehrmacht como “criminosos” ou até mesmo “assassinos”, assim como também não existe uma narrativa generalizada de vítima. Apesar de haver uma visão dominante de achar que qualquer simples soldado pode ter sido um criminoso em potencial, mas que é preciso verificar caso a caso. Em 2 de jul. 2019, um dia após a homenagem do Exército Brasileiro, o mesmo site da DW Brasil publicou a história de Bert Trautmann, ex-paraqueidista da Força Aérea Alemã, que se transformou em lendário goleiro do Manchester City e


contribuiu para o restabelecimento das boas relações entre ingleses e alemães no pós-guerra, mostrando que muitos alemães que lutaram na guerra, buscaram a redenção e seguiram suas vidas.

Por fim, a pesquisa buscou recuperar a memória de um oficial aluno da ECEME assassinado em 1968, cujo futuro promissor foi interrompido, desmembrando uma família inocente. Quantos planos e sonhos o major Eduard reservava para o futuro de sua família, mesmo que fossem apenas a oportunidade de poder aplaudir os sucessos das suas filhas ou de poder apoiá-las nos seus fracassos. Hoje, mesmo sem poder ver os resultados daquilo que plantou em sua vida, fruto de sua dedicação como pai, cidadão e militar, a história seguiu seu rumo, a Alemanha voltou a se unificar e a se reerguer como potência em 1990, após a queda do muro de Berlim. Atualmente, o Exército Alemão é um orgulho para seu país e está entre os melhores do mundo. O orgulho de uma nação foi resgatado. A Alemanha superou os horrores do passado e se tornou um grande exemplo de democracia e de povo de sucesso. A família von Westernhagen enfrentou o impiedoso tempo, variável e incerto, mostrando que Eduard Otto von Westernhagen soube viver o presente, não desperdiçando seu passado e garantindo o futuro daqueles que mais amou, sua família, seu Exército, seu povo e sua Pátria amada.

A senhora Gisela von Westernhagen vive em Cologne, na Alemanha. As filhas, Catherine e Caroline, moram em Frankfurt e Augsburg, respectivamente. O major Otto possui três netos. Ao tomarem conhecimento das homenagens prestadas no Brasil ao seu pai, suas filhas externaram os profundos agradecimentos à memória do major do Exército Alemão Eduard Ernest Otto Thilo

Maximilian von Westernhagen, as quais ainda sentem sua falta.

O Exército Brasileiro estará sempre alinhado com a liberdade e com a democracia, reprovando

qualquer ação contrária a esses preceitos, como o fez na Segunda Guerra Mundial, na luta armada contra a subversão no Brasil e contra qualquer outro extremismo. 

Referências

BAIARDI, AMÍLCAR. Brasileiro lamenta não ter sido o ‘vingador de Che’. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,brasileiro-lamenta-nao-ter-sido-o-vingador-de-che,62274> São Paulo. Jornal O Estadão, 9 out. 2007. Acesso em: 21 jun. 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. Brasília, 1 Jul 19. **Twitter:** @exercitooficial. Disponível em: <https://twitter.com/exercitooficial/status/1145809362340012037?s=20> Acesso em: 1 de julho de 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. Brasília, 2 Jul 19. **Twitter:** @exercitooficial. Disponível em: <https://twitter.com/exercitooficial/status/1146068518963564544?s=20> Acesso em 2 de julho de 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. Brasília, 2 Jul 19. **Twitter:** @exercitooficial. Disponível em: <https://twitter.com/exercitooficial/status/1146068522230898690?s=20> Acesso em 2 de julho de 2019.

DW BRASIL. Como a Alemanha vê seus soldados que lutaram na Segunda Guerra. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-alemanha-v%C3%AA-seus-soldados-que-lutaram-na-segunda-guerra/a-49636928>. Acesso em 30 de julho de 2019.

PRADO, GARY. **El general Gary Prado: “Ahora me van a escuchar”**. Disponível em: <https://eju.tv/2014/11/el-general-gary-prado-ahora-me-van-a-escuchar/> EJU TV, 14 nov. 2014. Santa Cruz de La Sierra. Acesso em: 2 jun. 2019.

GILBERT, MARTIN. A Segunda Guerra Mundial. Casa da Palavra: São Paulo, 2014.

GOENDER, JACOB. **Combate nas trevas: a esquerda brasileira.** São Paulo. Ática, 1987.

GUMBRECHT, HANS ULRICH. **Depois de 1945.** São Paulo. Editora Unesp, 2014.

MYHERITAGE. Disponível em: https://www.myheritage.com.br/names/edelgard_von%20westernhagen Acesso em: 01 jun. 2019.

MOTTA, ARICILDES DE MORAES (coordenador). A história oral do Exército. **A 2ª Guerra Mundial – Tomo 1.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

MOTTA, ARICILDES DE MORAES (coordenador). A história oral do Exército. 1964 – **31 de março: o movimento revolucionário e a sua história.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.

PERES, Carlos Roberto; CÂMARA, Hiram de Freitas (Org). **ECEME- A Escola do Método: um século**

pensando o Exército. Rio de Janeiro: BIBLIEx editora, 2005.

PRADO, GARY. Gary Prado y “El Che”, Cuenta su verdad @nomientras, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HseAMkGk_vo Acesso em: 18 jun. 2019.

RAISER, RALF GUNTHER SCHIMITT. **Adido de Defesa da Alemanha no Brasil** em discurso no Auditório Duque de Caxias, em 1 Jul 2019.

RIO DE JANEIRO. **Polícia tem pistas que dão razões políticas para a morte do major alemão.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 jul. 1968.

RIO DE JANEIRO. **França reafirma ter quase certeza de que Westernhagen morreu por motivo político.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 jul. 1968.

RIO DE JANEIRO. **Alemão foi estrangulado em N. Iguçu.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jul. 1968.

RIO DE JANEIRO. **Polícia obtém informações novas, mas nenhuma explica a morte do major alemão.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 jul. 1968.

RIO DE JANEIRO. **Documentos alemães tiram esperança da polícia achar assassinos de Westernhagen.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 set. 1968. p.35.

RIO DE JANEIRO. **Militar americano é morto a metralhadora em São Paulo.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 out. 1968. p.14.

SÃO PAULO. **Atentado ao QG do II Exército mata soldado e fere outros três.** Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1968.

SÃO PAULO. **Major alemão assassinado no Rio de Janeiro.** Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 2 jul. 1968. p.6.

RIO DE JANEIRO. **Oficial alemão morto a tiros na Guanabara.** Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 2 jul. 1968.

RUFIN, JEAN-CHRISTOPHE. **O Império e os Novos Bárbaros.** São Paulo: Record, 1996.

WESTERNHAGEN, CATHERINE VON. **Agradecimentos.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jpdguerra@gmail.com> em 31 jul. 2019.

WESTERNHAGEN, CAROLINE VON. **Curriculum Vitae do Major Otto em 1955.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jpdguerra@gmail.com> em 30 jul. 2019.

WESTERNHAGEN, CAROLINE VON. **A message from the German Embassy.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jpdguerra@gmail.com> em 31 jul. 2019.